



DIA FIAMA: UM TESTEMUNHO

Jorge Fernandes da Silveira¹



¹ Professor Emérito de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisador do CNPq. E-mail: jfdasilveira@uol.com.br.

Recebido em: 23/05/2018

Aceito em: 26/06/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, p, 139-142, jan-jun. 2018.

RETRATO MÚLTIPLO

Volto-me para ti ou antes para
o teu lugar se tal abstracção
é possível na noite sem

som onde és o eco múltiplo
procuro
ver novamente os teus vários retratos

animados pelo sol o amor ou a respiração
o sangue torna
a passar-te nos braços fotográficos

devo continuar
a narrar o percurso irregular
da tua multiplicidade

eras o ar a árvore voltar-me
para ti é como procurar
no mar os afogados

Gastão Cruz. “Sonhos e Outras Realidades”. *Existência*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2017, p. 13.

Bom dia, Bom Dia Fiama.

As minhas breves palavras de abertura são um diálogo entre Fiama Hasse Pais Brandão, Maria Velho da Costa, o seu romance *Myra*, e Fiama Ela-Mesma, os seus poemas:

*

Por muito que a minha escrita decalque as páginas de fernando pessoa
eu digo numa fissura do verso uma outra coisa. (...)

“Hora Obscura”. *Era. O Texto de Joao Zorro*, Porto: Inova, 1974. p. 236.

Tudo o que disse com literalidade deverá parecer,
agora, o aviso de que a minha vida é a mais hermética.

Novas Visões do Passado. Lisboa: Assírio & Alvim, 1975. p. 65.

E que só deve ler-me quem não tema reconhecer-se como leitor único.

“Homenagem à Literatura”. *Homenagem à literatura*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1976. p. 51.

*

E o rapaz pardo pegou do livro aberto ao lado. Myra sentou-se na manta, a convite, tirou a *parka* e tomou a postura da Pequena Sereia, quando tinha pernas, muito graciosa no lodo da penha marinha.

*Nada na infância nos deveria obrigar
a traçar as patas dos roedores repelentes
que são letras.*

Isso é Shakespeare, senhor Piotr?

Bravo, eu sabia que a menina vinha do nada, um ser impraticável. Isto é de uma outra menina que se chamava *Chama*.

Acredita?

Maria Velho da Costa. *Myra*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2008.p. 92.

*

Acreditava só que o gesto amado
de me cobrirem de panos ao nascer
seria a minha glória.

“A Roupa”, “Os Louvores”. *Cenas Vivas*. Assírio & Alvim, 2000, p. 97.

*

Fui criança, indo por um carreiro,
a caminho do mar, mão na outra mão,
entre árvores, pedras, insectos e aves.
Toda a Natureza me coube nas pupilas,
Mestra de sentimentos, e eu discípula.
E, se fechava os olhos, ela punia-me
com o silêncio cruel das ondas,
a mudez imerecida dos insectos,
e a distância das aves, que doía.

Se os abria, tudo me rodeava,

apaziguado e meu,

mas a mão que me trazia a mão

puxava-me para a luz de cada dia.

“Elegíacos”. *Cenas Vivas*, 2000, p. 10-11.

*

A bibliografia de um verso é-me, na vigília, essencial.

“Hora Obscura”, *Era. O Texto de Joao Zorro*, 1974. p. 236

Eu mesma analiso a minha biografia sincera.

“Área Branca 34”, “Sinais de Vida”. *Área Branca*. Lisboa: Arcádia, 1978. p. 97.

*

A DISCÍPULA

Levaram-na pela mão, criança muda,

e ensinaram-lhe que a linguagem das emoções

é a dos gestos sobretudo e é a do rosto.

Deixaram-na junto das glicínias em cacho,

com as unhas cravadas na polpa das mãos,

de mera angústia. E as suas palavras eram

as do reconhecimento das coisas, minuciosas.

“Os Louvores” *Cenas Vivas*, p. 84.

*

Água significa ave

O tamanho da ave é um rio demorado

“Grafia 1”. *Morfismos. Poesia 61*. Faro: Ed. dos Autores, 1961. p. 1.

Minha existência (entre os iberos) urge.

“Modo Histórico da Cidra”. “A Era”. *Era. O Texto de Joao Zorro*, Porto: Inova, 1974. p. 164.

*

Hoje, meu dia, o coração e o dia rejubilam.
“Meio-dia/Meu Dia”. “A Matéria Simples”. *Obra Breve: Poesia Reunida*. Lisboa:
Assírio & Alvim, 2006. p. 738.

DIA FIAMA
Fiama Hasse Pais Brandão
a menina que se chama *Chama*,
à luz do sol, o intenso colorista
e de quem
a nomeia

O Setor de Literatura Portuguesa
Jorge Fernandes da Silveira
Fernanda Drummond
Mônica Fagundes
Luciana Salles
Eduardo Coelho

*

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO (LISBOA, 1938-2007). E assim se passaram 10 anos.

De Cinda Gonda (a minha primeira monitora, orientanda, à maneira antiga) a Gabriel Guimarães Barbosa (que ainda não conheço e em quem reconheço um leitor, à maneira de Fiama, único); da “Fiama Fiandeira” ao convite para “um chá na tarde de Fiama Hasse Pais Brandão”, que belos títulos, seja bem-vinda toda a gente amiga, bem-haja toda a boa leitura, única, que aqui hoje se faz e sempre se fez e se fará por Amor, inteligente e exigente, dedicado e delicado à Literatura Portuguesa e a Poeta de *Homenagem à literatura*, no ano 10 da sua morte. VIVA FIAMA! FIAMA VIVE! COMEÇA AGORA O SEU DIA/O NOSSO DIA JUBILOSO.

OBRIGADO.

A última palavra, obrigado, é, na verdade, a primeira. *É a mais fácil, á a mais justa, é a mais espontânea*. Como diz o seu colega e camarada de geração e de formação, Eduardo Prado Coelho, morto também há 10 anos, e a quem, ao mais importante leitor de poesia portuguesa da segunda metade do século XX, estendemos o nosso tributo, neste Dia Fiama, de que tenho a honra e a alegria de abrir os trabalhos.

Jorge Fernandes da Silveira
26 de Setembro de 2017, manhã do Dia Fiama